

||||| ||| ||| |||  
julliano mendes

Ouro  
Preto  
Editora



# O QUEIJO

UMA COMÉDIA SÓRDIDA

Juliano Mendes

**O queijo**  
**Uma comédia sórdida**

Título original  
O Queijo - Uma Comédia Sórdida, de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes  
[www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com) (Julliano com dois L's)  
[gruporesidencia@gmail.com](mailto:gruporesidencia@gmail.com)

## Sumário

Dramaturgia cruzada.....	5
Bordada Sinfonia - Grace Passô .....	8
O Queijo - Uma Comédia Sórdida.....	9
CENA 1.....	10
CENA 2.....	20
CENA 3.....	21
CENA 4.....	36
CENA 5.....	37
CENA 6.....	42
CENA 7.....	50
CENA 8.....	55
CENA 9.....	57
CENA 10.....	66
CENA 11.....	73
DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES .....	75

## Dramaturgia cruzada.

**O Queijo** foi minha primeira experiência com dramaturgia cruzada, em as personagens conversam entre si e um diálogo atravessa o outro, revezando-se as duplas, misturando-se os assuntos, a resposta de um servindo a outro. Como literatura, exige leitura cuidadosa, preservando na memória falas anteriores, percebendo a quem a fala se dirige. Como teatro, exige dos encenadores atenção com o ritmo, que uma fala obedeça ao tempo da outra, sem engessar o diálogo, mas dando fluidez às réplicas. Pode ser que as falas se atropelem, nem sempre o que é dito é o que mais importa. Para os intérpretes o desafio é encontrar ações de espera que justifiquem que sua resposta não seja imediata. Portanto, a chave para **O Queijo** é seu ritmo. Há outras, naturalmente. Quatro mulheres ante uma mesa de chá. Outra morta no banheiro. E um segredo e uma obsessão de uma delas: o queijo. A busca pelo laticínio dá, ao texto, quase um caráter policial: que segredos esconderiam estas senhoras? Até que ponto sustentá-los? Aquilo ali é o retrato de suas vidas? Ou aquilo ali também é teatro? Teatro dentro do teatro? Mas o que estas mulheres representam? A falência do casamento como instituição? O condicionamento da mulher a um mundo paternalista e machista? A percepção que a liberdade só é possível na intimidade? Esta é, como está anunciado, uma comédia sórdida. Portanto, não se preocupa com nenhuma destas perguntas, embora saiba que, no seu decorrer, ensaie respostas. Respostas sórdidas. Com a consciência, porém, de sua inutilidade. Porque não existem, para estas mulheres, verdades absolutas. "A única verdade absoluta é o queijo."

O Brasil mudou muito depois de 2014. Se o impeachment de Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro radicalizaram um discurso à direita, a resistência a este discurso também fez eclodir movimentos sociais cada vez mais relevantes, amplificados pelas

redes sociais. Assim, escrever um texto com quatro mulheres numa mesa de chá tornou-se um ato político, coisa que eu não pude prever. Em 2018 dirigi uma montagem em Brasília, produzida pela atriz Nadja Dulci, com um elenco formado pela própria e também por Dina Brandão, Paula Passos, Wanderlei Costa e Wol Nunnes. Apesar do êxito da montagem, recebemos algumas críticas contundentes nesse sentido: falta de observância do caráter político da obra. Quando retornei para Ouro Preto, convidei novas atrizes para continuarmos a pesquisa. Isabela Dilly, Maria Catarina Frizzo, Tati Palini, Thaiz Cantasini e Tamira Mantovani, com assistência de Fernanda Trópia. Como autor, foi necessário que eu as ouvisse, senão para corrigir a imagem do ser feminino que se projeta no texto, refleti-la, considera-la. Modifiquei o texto. Este texto que ora apresento, tem contribuições preciosas delas. Agradeço numa roda de xamã. Espocam aqui e ali, ainda, diversos pontos passíveis de reflexão. Continuo aberto às modificações necessárias. A história nos reescreve o tempo todo.

Julliano Mendes \*



*\* Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site [www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com). Atente-se que Julliano é com dois L’s.*

## Bordada Sinfonia - Grace Passô

*O Queijo* se ancora no espaço elegante de uma sala de chá, imagem que guarda certo requinte para o imaginário brasileiro. Esta situação poderia insinuar um ambiente, por exemplo, de artificialidades mas a opção do autor é outra: mais sórdida como ele mesmo classifica, escancarada por mulheres que admitem suas pulsões e no fundo, as mulheres de *O Queijo* ritualizam seus desertos sombrios com muita liberdade: a liberdade de escancarar o que poderia ser fantasma, mas acaba por mostra-se comicamente viável. A normalidade como estas mulheres enriquecidas admitem questões que sob determinadas perspectivas poderiam ser tabus, coloca a dramaticidade na crítica da liquidez de nossos tempos e até o maior mistério, ponto de tensão nesta narrativa, é desarmado pelo humor.

Este texto é uma sinfonia plena de construções espirituosas. É louvável a forma como o autor usa a violência como elemento de catarse de seus personagens e sabe qual é o maior de seus desafios? Negarem seus sentimentos.

Conheci Julliano Mendes atuando com ele em um espetáculo. Conheci um grande ator, daqueles que não se esquece, tanto pela sensibilidade, quanto pela grande habilidade enquanto atua. É uma enorme felicidade conhecer seu trabalho dramático, tão potente como sua bela presença na cena. E pois que bela também é a arte teatral! Neste generoso universo, descobre-se artistas como ele: de fina tessitura das palavras.

Grace Passô



# O Queijo - Uma Comédia Sórdida

## **PERSONAGENS:**

1. BARBRA SHOEY
2. ELIZABETH HORCLEY
3. GABRIELA WALKMUTT
4. SARAH FREEMAW
5. DEBRA WALKMUTT

## **CENÁRIO:**

Sala de chá da casa de Elizabeth Horcley, classicamente mobiliada.  
Atrás, um banheiro.

## CENA 1

*Estão em cena Sarah Freamaw, Elizabeth Horcley e Gabriela Walkmutt, à mesa do chá. Entra Barbra Shoey. Debra Walkmutt está no banheiro, morta.*

**BARBRA** – Bom dia.

**SARAH** – Bom...

**ELIZABETH** – Bom?

*(Pausa)*

**BARBRA** – Hoje teremos um belíssimo chá.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você sempre se deslumbra com coisas banais...

**GABRIELA (A Sarah)** – Por favor, o queijo.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Nada que me faça realmente feliz.

**SARAH (A Gabriela)** – E se você comesse pães de milho?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Talvez o silêncio.

**GABRIELA (A Sarah)** – Perdão, eu prefiro o queijo. Tenho uma espécie de compulsão por laticínios.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você me prefere em silêncio?

**SARAH (A Gabriela)** – Eu prefiro que a senhorita espere a hora do chá.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Adoro seus olhos quando você se exalta.

**SARAH (A Gabriela)** – Achou que teria alguma regalia em seu primeiro dia?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você sempre se deslumbra com coisas banais.

**GABRIELA (A Sarah)** – Desculpe-me, não tenho outras pretensões senão participar do chá semanal das senhoras.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Sabe, eu já passei daquela fase de odiar você. Agora temo.

**SARAH (A Gabriela)** – Chamar-nos de senhora é de bom tom. Quantos anos você tem?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Teme?

**GABRIELA (A Sarah)** – Dezesete.

**SARAH (A Gabriela)** – Você tem dezesete anos?

**ELIZABETH (A Sarah)** – Ela tem dezesete anos?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você tem medo de mim?

**GABRIELA (A Sarah)** – Tenho.

**BARBRA (A Gabriela)** – Você tem medo de mim?

**SARAH (A Gabriela)** – Sua mãe sabe o que você está fazendo aqui?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Ter medo de você é regra.

**GABRIELA (A Sarah)** – Minha mãe?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Mas eu não tenho medo. Tenho outros desejos, mas medo não.

**SARAH (A Gabriela)** – A sua mãe deve ter qualidades que nos interessam mais que as suas.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Outros desejos... quais?

**GABRIELA (A Sarah)** – Desculpe-me a pergunta, mas quais?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Mórbidos.

**SARAH (A Gabriela)** – Ela deve ser velha, ser casada, ser infeliz.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Tipo perversões?

**GABRIELA (A Sarah)** – Minha mãe morreu.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Tipo estrangulamento, afogamento, tiro na boca.

**BARBRA (A Gabriela)** – De quê?

**ELIZABETH** – De que vocês estão falando?

**GABRIELA (A Barbra)** – Ainda não sei. Mas quero saber.

**SARAH (A Elizabeth)** – Falávamos da mãe da bonequinha aqui.

**BARBRA (A Gabriela)** – Cuidado, buscar respostas é encontrar

perguntas.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Quem é a mãe da bonequinha aí?

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Você não conheceu ninguém com quem eu me pareça?

**SARAH (A Elizabeth)** – Uma velha morta e infeliz.

*Barbra dá uma gargalhada.*

**BARBRA (A Gabriela)** – Desculpe, meu doce, mas não resisti.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Eu queria ter seu ímpeto.

**GABRIELA** – Perdoem a minha insistência, mas é que gostaria muito de saber onde está o queijo.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você queria ter meu ímpeto, minhas pernas, meu cabelo.

**SARAH (A Gabriela)** – Minha flor, esta casa é de Elizabeth, portanto, o queijo também é de Elizabeth. Pergunte a ela.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Suas pernas não, que a quantidade de platina que você tem no joelho supera toda a prataria de minha casa. Mas seu cabelo cairia bem em mim.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – A senhora viu o queijo?

**BARBRA (A Gabriela)** – Você já tem platina em alguma parte do corpo?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Não.

**GABRIELA (A Barbra)** – Não. **(A Elizabeth)** Viu?

**BARBRA (A Gabriela)** – Ainda não.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Você me ouviu?

**SARAH (A Gabriela)** – Você não acha que está se excedendo um pouco pra seu primeiro dia, coisinha? Ainda não lhe concedemos o livre arbítrio.

**GABRIELA (A Barbra)** – Perdão, mas o que exatamente você quer dizer com ‘ainda’?

**ELIZABETH (A Sarah, à parte)** – Eu acho que precisamos ser mais enfáticas.

**BARBRA (A Gabriela)** – Você quer saber a origem da minha platina?

**SARAH (A Elizabeth, à parte)** – Há melhor ênfase que a indiferença?

**ELIZABETH (Indiferente a Sarah, se dirige a Gabriela)** – É que um dos maridos dela a espancava toda vez que a bolsa caía.

**SARAH (À parte)** – Não há melhor ênfase que a indiferença.

**BARBRA (A Gabriela)** – E toda vez que a bolsa estourava.

*Outra gargalhada de Barbra.*

**GABRIELA (A Barbra)** – Você não tem filhos?

**SARAH (A Gabriela)** – Nenhuma de nós tem filhos.

**BARBRA (A Gabriela)** – Tive.

**SARAH (A Gabriela)** – E isso você ainda não tem o direito de perguntar!

**ELIZABETH (A Barbra)** – Teve?

**BARBRA (A Sarah)** – O que você quer dizer com ‘ainda’?

**SARAH (A Barbra)** – Quero dizer que, se tudo ‘der certo’, ela terá.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você me ouviu?

**GABRIELA (A Sarah)** – E como tudo pode ‘dar certo’?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você perguntou sobre meus filhos?

**GABRIELA (A Sarah)** – Não me julgue, mais uma vez, intransigente.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Achei que você não estivesse me ouvindo...

**GABRIELA (A Sarah)** – ...é que farei tudo para estar aqui.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Tive três filhas, mas não fui formalmente apresentada a nenhuma delas.

**SARAH (A Elizabeth, à parte, olhando para Gabriela)** – Acho que, apesar de tudo, teremos um excelente chá.

**GABRIELA (A Barbra)** – Elas estão vivas?

**ELIZABETH (A Sarah, à parte)** – Talvez.

**BARBRA (A Gabriela)** – Meu amor, a diferença entre elas estarem mortas e nós vivas é mínima.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Não se engane, falar de filhos é um charme dela. É uma forma de ser mãe. Pouquíssimas de nós têm essa condição.

**BARBRA (A Sarah)** – Ela fala como se nossa vida fosse um livro aberto.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – O que a senhora quer dizer com 'pouquíssimas'?

**SARAH (A Barbra)** – E é.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Fizemos uma escolha, menina.

**SARAH (A Barbra)** – De muito mal gosto, inclusive.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Qual escolha?

**BARBRA (A Sarah)** – Só se for o seu.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Ou éramos mães ou infelizes.

**BARBRA (A Sarah)** – O meu livro tem passagens cheias de mistério...

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Não entendi.

**BARBRA (A Sarah)** – Raiva...

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Escolhemos a infelicidade. Com muito orgulho!



**SARAH (A Barbra)** – E dor.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Perdão. É que eu realmente não entendo. E quero entender.

**BARBRA (A Elizabeth)** – O que é que a menina quer entender?

**SARAH (A Barbra)** – Que menina?

**GABRIELA (A Barbra e Elizabeth)** – Digo, desculpem-me. É que ela fala que teve um filho e a senhora descarta com muita facilidade. E se for verdade? E se ela teve filhos e simplesmente mentiu pras senhoras?

**SARAH (A Elizabeth)** – De quem vocês estão falando?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você mente, Barbra?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Essa menininha é impertinente.

**SARAH (A Gabriela)** – Elas estão falando de você?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Toda vez que você muda de assunto, isso quer dizer 'sim'.

**GABRIELA (A Sarah)** – Eu estava falando de vocês.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Vamos mudar de assunto?

**SARAH (A Gabriela)** – E o que você estava falando sobre nós?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você detesta ser o assunto, né?

**GABRIELA (A Sarah)** – Eu dizia que deve ser provável que se

minta aqui dentro.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Não.

**SARAH (A Gabriela)** – Por quê?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Detesto ser o seu assunto.

**GABRIELA (A Sarah)** – Porque em todo lugar se mente.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Mentira.

**SARAH (A Gabriela)** – E qual seria nossa mentira, menina?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você sempre descobre meus segredos.

**GABRIELA (A Sarah)** – Sei lá: alguém aqui deve ter tido um filho num momento da vida. Ou não? Vocês tomam algum remédio pra esterilidade? Ou fazem um pacto? Isto aqui é uma seita?

**BARBRA (A Elizabeth e Sarah)** – Ela é realmente impertinente...

**GABRIELA (A Barbra)** – Perdão, senhora. Não sou. Sou uma menina curiosa como toda menina de 17 anos.

**SARAH (A Gabriela)** – Chega. Nenhuma de nós teve filhos. E, sim, menina, isso aqui é uma espécie de seita. A seita das infelizes. Eu cheguei aqui com sua idade. Talvez um pouco mais velha. Engravidei uma vez, confesso. Meu marido descobriu e mandou tirar com uns chás poderosíssimos produzidos por um povo nômade do Panamá. Sabe o que é isso, menina?

**GABRIELA (A Sarah)** – Não.

*Barbra dá uma gargalhada.*

**SARAH (A Gabriela)** – É uma mentira. Mas como você saberá se é uma mentira? Você não saberá. Sabe por quê? Porque pode ser verdade. E você tem certeza que quer saber a verdade?

*Tempo.*

**GABRIELA (A Sarah)** – Sim.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Não.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Por que não?

**BARBRA (A Gabriela)** – Porque não existe verdade.

**GABRIELA (A Barbra)** – Não existe verdade?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Não.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Vamos mudar de assunto?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Vamos mudar de assunto.

*Tempo.*

**GABRIELA** – Alguém viu o queijo?

## CENA 2

*Debra Walkmutt sai do banheiro. Primeira dança de Debra.*

### **DEBRA**

São dias de fraqueza em que me pego triste  
À morte ofereço minha felicidade vã  
Lucidez e histeria, calores, raiva e chiste  
A vida subvida em mim não mais existe  
E meu gozo é feito a fogo de febre terçã

*Pausa.*

**DEBRA** – O Queijo.

*Volta ao banheiro. Longa pausa.*

## CENA 3

*Gabriela está afastada, passando secretamente uma mensagem ao celular. A mensagem é projetada ao fundo, durante a fala de Barbra.*

**MENSAGEM DE CELULAR** – Chegarei ao ponto que quero, não será difícil. Elas são loucas. Mas eu não. Uma delas está mais desconfiada (agora mesmo, enquanto digito esta mensagem, me olha, me encara), mas não me importo. Continuarei a estratégia. Falta um detalhe apenas. Deseje-me sorte. E paciência.

**BARBRA** – Adoro esses momentos. Nessas horas é possível contar o dia inteiro, inclusive passagens sobre odiar anões de jardim e luzes de natal sem ser interrompida por uma senhora grosseira e antipática, frígida, viúva de homem vivo, insolente e rico. **(A Gabriela)** O seu marido é impotente, não é? O meu quinto marido era. O segundo também. Mas já faz muito tempo que não me interessa por homens. Gosto de carro tunado, bife de fígado e de boceta. Se, pra chegar aos carros mais rápidos, às carnes mais tenras e às mulheres mais doces havia um homem no meio do caminho, paciência. Eu disse: ‘havia’? Sim. Havia um homem no meio do meu caminho. Na verdade havia cinco. Todos morreram em circunstâncias misteriosas, você acredita? Todos? Não. O terceiro morreu de câncer. Câncer de fígado. Eu já disse que adoro bife de fígado? Ah! E gosto de chá. Por isso, estou aqui. Estamos. Por causa do chá. O chá, pra mim, é a prova que eu não sou uma máquina, ainda tenho meus desejos. Tenho desejo, mas não tenho libido. Nunca tive. Aliás, já tive. Ontem estava saindo de casa quando vi um homem parado na esquina, forte, sujo, tão bonito quanto meu joanete no inverno de Nova Iorque, aquele que a gente imagina que vai ser uma afronta à soberania paterna (e olha que meu pai sonhava que eu fosse professora). E pensei que, há quinze anos, até teria fantasias com ele. Há quinze anos, imaginar-

me embaixo de homens rudes era ser livre, imagina. Mas ontem olhava pra ele como se olha um cachorro cruzando a rua. O meu quarto marido adorava. Cachorros. Você já mordeu um cachorro, menina? Ironia, não é? Morder um cachorro. Eu já. Cinco cachorros. O primeiro era gordo. Fedia. Balançava o rabinho quando bebia. Mas não era necessariamente um cachorro. Parecia mais um porco. E fedia. Sabe fígado de porco cru? Você já mordeu um porco, menina? Mas, chega. Até pra sinceridade existe um limite. Hipócrita, eu? Sim, talvez. Mas rica. Podre de rica.

**ELIZABETH (A Barbra)** – E infeliz.

*Pausa.*

**SARAH (A Gabriela)** – O que a menininha estava fazendo ainda há pouco?

**GABRIELA (A Barbra)** – O que a gente faz agora?

**BARBRA** – O que interessa é que nessa vida as coisas não dependem de apologias. A gente pode sobreviver e bem sem endeusar nada. Essas coisas de honra, honestidade, moral, confiança são atributos bíblicos que só servem pra forjar santos. Eu não sou santa, nunca quis ser e, se fosse, ia ser daquelas que todo mundo estranha, uma rainha louca, uma prostituta que, no fim da vida, foi viver com índios selvagens e, num belo dia de sol, foi encontrada esquartejada e, depois, na exumação, descobriram que ela havia sido estuprada pela tribo inteira, inclusive mulheres e idosos.

**SARAH (A Gabriela)** – Isso responde a sua pergunta?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Devo confessar que admiro sua capacidade de abstração.

**GABRIELA (A Sarah)** – Não.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Há algo em mim que você não admira?

**SARAH (A Gabriela)** – Não?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Sim.

**GABRIELA (A Sarah)** – Desculpe-me, mas é que não tenho sua experiência pra entender as entrelinhas.

**BARBRA (A Elizabeth)** – O quê?

**ELIZABETH (A Gabriela, ignorando Barbra)** – Não se preocupe. Barbra, apesar de sua postura autossuficiente, também não entende.

**SARAH (A Gabriela)** – Entendeu agora?

**BARBRA (A Elizabeth)** – O quê?

**GABRIELA (A Sarah)** – Não imagina como eu gostaria.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você. Não entende as entrelinhas.

**SARAH (A Elizabeth)** – Falou a rainha das entrelinhas.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você não respondeu o que eu perguntei.

**SARAH (A Barbra)** – Ou respondeu nas entrelinhas.

**GABRIELA (A Sarah)** – Poderia ser um pouco mais objetiva?

**ELIZABETH (A Barbra)** – O que foi mesmo que você me

perguntou?

**SARAH (A Gabriela)** – Você admira a objetividade?

**BARBRA (A Elizabeth)** – O que em mim você não admira?

**GABRIELA (A Sarah)** – Não simplesmente admiro; eu dependo dela.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Não admiro sua ignorância.

**SARAH (A Gabriela)** – Pois bem, serei objetiva, gracinha.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Não admiro sua empáfia.

**SARAH (A Gabriela)** – Se você está aqui é porque precisa se desgastar.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Não admiro sua prepotência.

**SARAH (A Gabriela)** – Aqui a gente vem pra se aliviar, mas um alívio pelo desgaste.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você está falando de mim ou de si?

**SARAH (A Gabriela)** – Nós precisamos arranhar a cara e arranhamo-nos mutuamente...

**ELIZABETH (A Barbra)** – Pois é, odeio o que em você é igual a mim.

**SARAH (A Gabriela)** – ... porque em casa não podemos fazer isso com nossos maridos.



**BARBRA (A Elizabeth)** – Quando é que você vai se convencer de que somos completamente diferentes?

**SARAH (A Gabriela)** – Aqui a gente desconta na outra a humilhação nossa de cada dia.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Quando é que você vai se convencer que ninguém é diferente de ninguém?

**SARAH (A Gabriela)** – Agora você se casa, provavelmente com um empresário muitíssimo bem sucedido, vem pra cá, sem saber de nada, e se coloca numa posição de defesa, como quem não entende nada, como se nós fôssemos as selvagens e você o animalzinho indefeso que quer ser colocado no presépio de natal! Mas não querida, você é como nós! Exatamente!

**BARBRA (A Elizabeth)** – Olhe bem pra mim...

**SARAH (A Gabriela)** – Está vendo essa minha cara de tristeza?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você foi uma mulher bonita.

**SARAH (A Gabriela)** – É cara de quem nunca foi amada como merecia.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Agora é uma mulher triste.

**SARAH (A Gabriela)** – Mas eu escolhi.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você é e sempre foi somente uma mulher triste.

**SARAH (A Gabriela)** – Apanhar de um homem mais fraco que eu à noite, acordar mais cedo que ele e sorrir no café da manhã?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Somos iguais na tristeza.

**SARAH (A Gabriela)** – Eu escolhi!

**BARBRA (A Elizabeth)** – A tristeza é igual na gente.

**SARAH (A Gabriela)** – Olhe bem pra mim, garota, garotinha: imagine o que você vai ser, olhe que traste você vai escolher ser! Não pense que com seu dinheiro você vai escolher ser feliz! Não vai! Não vai!

**ELIZABETH (A Barbra)** – Devo admitir que você é melhor do que eu.

*Sarah e Gabriela se encaram, Gabriela está impassível.*

**GABRIELA (A Sarah)** – Perdão, senhora. A senhora fala como se houvesse alguma intenção subliminar em meu pedido. Não há. Fui uma criança feliz. Em nosso sítio, criávamos gado. E eu adorava o primeiro leite da manhã, a mesa posta com frutas frescas, o cheiro da fumacinha do bolo, que, como sabem, é diferente de cheiro do bolo. Assim que soube que eu teria a honra de vir aqui, a memória já me tomou por completo, lembrança de meus tempos de criança, quando eu era absolutamente apaixonada por queijo. Imaginem isto: uma criança apaixonada por queijo. Eu, uma criança vestida de renda branca, apaixonada por queijo. Talvez assim, me imaginando, vocês possam entender que meu pedido não é fruto de uma obsessão. Nem de um desvario: é uma forma de ser feliz nas pequenas coisas.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Ser o quê?

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Feliz.

*Elizabeth, Barbra e Sarah dão uma sonora gargalhada.*

**GABRIELA** – Perdão, mas qual é a graça?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Você. Você é a graça.

**BARBRA (A Sarah)** – Ela é uma graça.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – E isso é um elogio?

**SARAH (A Barbra)** – E um perigo...

**GABRIELA (A Sarah)** – Por quê?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Isso não é um elogio.

**BARBRA (A Sarah)** – Perigo, por quê?

**SARAH (A Barbra)** – Ainda não sei.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Estou falando com você, garotinha.

**SARAH (A Barbra)** – Mas saberei.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Desculpe.

**BARBRA (A Sarah)** – Você sempre querendo saber de tudo.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – O que ela disse me chamou a atenção.

**SARAH (A Barbra)** – Isso é um elogio...

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Então, entenda uma coisa:

**SARAH (A Barbra)** – ...vindo de você.

**ELIZABETH** – Aliás, escutem isso, todas vocês. Estamos aqui desconsiderando que esse é um dia especial. Depois de alguns encontros a três, temos hoje, novamente, mais uma integrante.

**BARBRA** – Uma espécie de estagiária?

**ELIZABETH** – Pode ser. Uma estagiária.

**GABRIELA (A Barbra)** – Como assim?

**SARAH (A Gabriela)** – Não interessa. Apenas escuta.

**GABRIELA (A Sarah)** – Mas...

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Cala a boca, porra!

*Pausa.*

**BARBRA (A Gabriela)** – Eu, se fosse você, calava.

*Pausa.*

**ELIZABETH** – Muito bem, senhoras. Como eu dizia, hoje é um dia especial. Seremos quatro novamente, como há mais de trinta anos.

**SARAH (A Elizabeth)** – Mas você já considera nossa estagiária uma de nós?

**ELIZABETH (A Sarah)** – Sim. Hoje sim, pode ser que amanhã não, mas, hoje sim. Ela é uma de nós.

**BARBRA (A Gabriela)** – Também sinto isso, estagiária: que você

será uma de nós.

**MENSAGEM DE CELULAR** – Já sou uma de vocês faz tempo.

**ELIZABETH** – Mas não será assim tão fácil. Nada aqui é natural. Somos uma fraude. Talvez nada nos defina melhor que isso: somos uma fraude absoluta.

*Barbra dá uma sonora gargalhada.*

**ELIZABETH (A Barbra)** – Qual é a graça?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Nós. Eu, você, ela, ela. Isto aqui, essa mesa, esse candelabro. Seu cabelo. Meu clitóris. Continua.

**MENSAGEM DE CELULAR** – Hoje as máscaras cairão. Não haverá mais fraude.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Eis a primeira lição...

**SARAH (A Elizabeth)** – Eu já havia introduzido alguns pontos de nosso comportamento à garotinha, mas, agora sim, vejo que ela começa a entender.

**MENSAGEM DE CELULAR** – Começo a entender que o fim se aproxima.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Muito bom. Acho que ela aprenderá rápido. **(A Gabriela)** Pode não parecer, garotinha, mas de nós aqui, a mais velha sou eu.

*Barbra dá uma sonora gargalhada.*

**ELIZABETH (A Barbra)** – Eu sei onde está a graça, mas fingirei

que não sei. (**A Gabriela**) Lembro o dia em que eu cheguei aqui, trazida por minha mãe, que havia sido desenganada dois dias antes. Ela disse: Você me continua. Sendo ela a pessoa mais repugnante de minha vida, imagina você a minha alegria em continuá-la. Resisti, queria ser outra pessoa, mas essa que sou já era eu cinquenta e poucos anos atrás. Eu só não queria. Entrei aqui e a primeira coisa que ganhei foi um tapa. Não, não se preocupe, tortura foi uma prática que abandonamos há algum tempo...

**SARAH (A Gabriela)** – Infelizmente.

**MENSAGEM DE CELULAR** – A tortura já me acompanha há anos. O ódio que sinto e que me dilacera por dentro é mais letal que qualquer tapa.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – ... quando Jeanne Jhaiz, uma senhora absolutamente triste, mas radicalmente insólita, morreu. O tapa que ganhei me ensinou o silêncio. Depois fui me condicionando a esta vida: uma vez por semana era aqui que eu entendia o que era o tempo. Depois, conquistei mais uma distinção: uma vez por mês era aqui, em meu jardim, que esse encontro acontecia. Entendi, assim, o espaço.

**BARBRA (A Gabriela)** – Filosófico, não?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Não, nada filosófico. E não perverta minha narrativa com seus apartes sarcásticos. Por favor, cala a boca.

**SARAH (A Barbra)** – Eu, se fosse você, calava.

*Gabriela dá uma gargalhada. As outras a encaram, ela interrompe a gargalhada.*

**SARAH** – E se reinstituíssemos a tortura nas iniciações?

**BARBRA** – Não sei, não. Acho que ela até gostaria.

**MENSAGEM DE CELULAR** – Não será necessário.

**GABRIELA** – Não será necessário.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Muito bem, senhorita. Vejo que sente medo. O medo é um belo professor. Um belo amante. Um grande amigo.

**MENSAGEM DE CELULAR** – Não tenho medo. Ou, se tenho, tenho por vocês.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você disse que o medo era um belo amante?

**SARAH (A Barbra)** – Ela disse. Dentre outras coisas...

**ELIZABETH (A Barbra)** – Metáfora. Eu disse uma metáfora...

**BARBRA (A Elizabeth)** – Perdão, minha querida, é que no seu caso ser amante do medo está longe de ser uma metáfora.

*Elizabeth, Sarah e Barbra dão uma sonora gargalhada. Pausa.*

**SARAH (A Gabriela)** – Ri, garota.

**MENSAGEM DE CELULAR** – Me doem os olhos. Olhar pra vocês é vomitar vontades.

**SARAH (A Gabriela)** – Ri, garota!

**MENSAGEM DE CELULAR** – Não sinto vontade nem de chorar...

**SARAH (A Gabriela)** – Ri, garotinha de merda!!!

*Tempo.*

**BARBRA (A Sarah)** – Deixa. Rir dessas coisas carece de tempo. Não será fácil. Ela terá tempo. Como nós tivemos. Um dia, sem que ela espere, acontecerá. Será como menstruar.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Mais uma coisa que detesto em você: as metáforas.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Foda-se o que você odeia em mim. Hoje é um dia especial. Estou feliz, não percebeu?

**ELIZABETH (A Barbra)** – A felicidade é uma bela metáfora.

**SARAH (A Gabriela)** – Entendeu?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Como assim?

**SARAH (A Gabriela)** – Entendeu, garotinha?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você, de nós, é a mais infeliz...

**GABRIELA (A Sarah)** – Posso falar agora?

**BARBRA (A Elizabeth)** – E isso é uma coisa que você adora em mim, não é?

**SARAH (A Gabriela)** – Sim, porra!

**ELIZABETH (A Barbra)** – Sim.



**GABRIELA (A Sarah)** – Eu queria saber se alguém viu o queijo por aí?

*Pausa.*

**SARAH (A Gabriela)** – Você tem certeza que quer o queijo?

*Tensão.*

**GABRIELA (A Sarah)** – Há algum problema? Querer um queijo? Um simples queijo?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Há.

*Mais tensão.*

**SARAH (A Elizabeth)** – Resolveu assumir sua postura de dona da casa?

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Qual?

**BARBRA (A Sarah)** – Percebeu que hoje ela está assumindo posturas surpreendentes?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Eu ouvi isso!

**GABRIELA (A Elizabeth)** – A senhora está fugindo da pergunta.

**BARBRA** – Meu Deus, mais uma que resolveu assumir uma postura surpreendente.

**SARAH (A Gabriela)** – Você não tem o direito...

**GABRIELA (Interrompendo bruscamente Sarah)** – Eu apenas

quero saber onde está o queijo.

*Tensão.*

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Seu problema é descobrir por si.

*Gabriela começa a procurar o queijo, primeiro calmamente, depois com exaspero.*

**SARAH (A Elizabeth, à parte)** – Está bem escondido?

**ELIZABETH (A Sarah, à parte)** – Eu não fui a última a manuseá-lo.

**BARBRA (Cantando)** – Tudo que canto lembra a dor  
Pedacos de mácula e saudade

**SARAH (A Elizabeth)** – Também não fui eu.

**BARBRA (Cantando)** – Tua imagem, teu cheiro me invade  
E em completo torpor

**ELIZABETH (A Sarah, à parte)** – Se não foi você, não se preocupe.

**BARBRA (Cantando)** – Esqueço-me que te adoro  
E me alimento de fúria

**ELIZABETH (A Sarah, à parte)** – Barbra sabe o que fazer nestas circunstâncias.

**BARBRA (Cantando)** – E numa atitude espúria  
Mato-te sem nenhum decoro

**BARBRA, ELIZABETH e SARAH (Cantando)** – Cortar e estrangular e esfarinhar e espinafrar  
Cortar e estrangular e esfarinhar e espinafrar

*Barbra parte pra cima de Gabriela e a agarra.*

**BARBRA (A Gabriela)** – Sua compulsão por laticínios já foi longe demais!

*Barbra espanca Gabriela violentamente, descaracterizando-a, rasgando suas roupas, desfazendo seu cabelo.*

## CENA 4

*Debra Walkmutt sai do banheiro. Segunda dança.*

### **DEBRA**

Sou feito de pedra  
Não sinto rancor

Sou pedra, palavra  
E falta de amor

Sou crime, castigo  
Torpor, convulsão

Volúpia, clausura  
Desejo não

Sou mito, poema, mulher, alfazema, cachaça, criança, presença,  
lembrança, lamúria, cansaço, mormaço, vergonha, menina, cabaço,  
urina, pedaço de dor e mentira

Cortar e estrangular e esfarinhar e espinafrar  
Cortar e estrangular e esfarinhar e espinafrar

*Pausa.*

**DEBRA** – O queijo.

*Volta ao banheiro.*

## CENA 5

*Gabriela está caída, rasgada, sangrando.*

**MENSAGEM DE CELULAR** – As coisas estão caminhando, querida. Não será tão simples quanto eu achei, mas quem disse que eu sou simples? Permaneço focada, engajada e forte. Elas se revelam os monstros que eu pensei que fossem. Em breve, minhas suspeitas serão confirmadas. Tenha fé.

*Sarah se aproxima dela.*

**SARAH (A Gabriela)** – Você desperta em nós sentimentos e práticas antigas. Considere isso um elogio. Agora, levante-se, recomponha-se e venha pra cá. Anda! Levante-se. Isso. Obediente como um cachorrinho. É como eu pensava: educação e tortura são ações complementares.

*Gabriela se levanta e senta-se à mesa. As outras mulheres começam a recompô-la, maquiando-a e ajeitando suas roupas e cabelos.*

**SARAH (A Gabriela)** – Hoje é um dia especial. Esse é apenas o seu ritual de entrada. Assim você aprenderá a felicidade.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Não se alegre, fofa. É uma metáfora.

**SARAH (A Gabriela)** – Você não se lembra, mas pouco tempo depois de nascida, furaram sua orelha. Doeu? Doeu, deve ter doído. Aí, depois, virou mulher. Sabe as cólicas? Doem? Devem doer. É provável que doam.

**BARBRA (A Sarah)** – Eu sempre gostei de menstruar.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você gosta da dor.

**SARAH (A Gabriela)** – Eis mais uma lição, meu amor: somos afeitas à dor. Seríamos masoquistas? Não, meu bem. Sentir dor pra gente é como respirar.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Não senhora, comparação ruim. Seria melhor dizer: sentir dor pra nós é como cagar.

*Barbra solta uma gargalhada.*

**BARBRA (A Elizabeth)** – Depois, minhas metáforas é que são ruins...

**SARAH** – Mas eu gostei. Acho pertinente. Vou reconsiderar: sentir dor pra nós é como cagar.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você não vai completar dizendo: eu gosto de cagar?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Não.

*Elizabeth solta uma gargalhada.*

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você é surpreendente. Já disse isso?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Já. Várias vezes.

**SARAH (A Gabriela)** – Aprende isso, querida: a nossa vida aqui é como uma história que se repete. À falta de vida, inventamos aqui nosso drama, uma espécie de romance, no qual cada uma é a protagonista. Você prefere a vida? Não se engane: aquilo que você vive, não é vida. Aquilo é cena, roteiro pré-escrito e no qual não se permite improvisado. Aqui dentro, você é livre. Poderá ser. Basta que aceite. Basta que se aceite.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Não senhora: basta que nós a aceitemos.

**SARAH (A Elizabeth)** – E nós a aceitaremos?

**BARBRA (A Sarah)** – Eu, sim.

**SARAH (A Barbra)** – Justifique.

**BARBRA** – Ela é pequena. Bonita. Tem cara de cachorrinho. Parece uma garotinha com medo de escuro. Medo do cinto do pai. Mas com vestidinho de renda, fita no cabelo, blush azul. Sabe boneca de louça? Dá vontade de levar pra casa, colocar em cima da penteadeira, ver sua imagem refletida no espelho, ficar olhando mais pro reflexo. Ser criança nela, depois masturbar-se com os dedinhos de louça. **(A Elizabeth)** Já se masturbou com dedinhos de louça? **(A todas)** Por isso, por causa dos dedinhos de louça, eu digo sim.

**SARAH (A Elizabeth)** – E você?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Dedinhos de louça???

*Elizabeth gargalha.*

**ELIZABETH (A Sarah)** – Pra mim é diferente, nada de dedinhos de louça. Eu a acho com cara de pobre. Mendiga com fantasia de carnaval. Cachorrinho sim, mas daqueles de rua que uma dondoca pega pra criar. Coloca fitinha, lacinho, mas que permanece com pulga, sabe? Ela desperta dó em mim. Tenho vontade de fechar a janela do carro quando a vejo, sabe menininha vendendo balas no semáforo? Ele me desperta compaixão, isso faz com que me sinta boa, necessária, e é por isso que eu digo sim.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Meio egoísta sua justificativa, não?

**ELIZABETH (A *Barbra*)** – Só um pouco mais que a sua.

*Sorrisos entre Elizabeth e Barbra.*

**BARBRA (A *Sarah*)** – E você?

**SARAH** – Essa garotinha me desperta raiva. Queria ter sido eu a espancá-la, mas fiquei feliz ao vê-la sofrer. Sabe quando alguém que você odeia recebe um presente, uma alegria, uma carta de amor?

**ELIZABETH (A *Sarah*)** – Você sente inveja dela?

**SARAH (depois de um tempo, a *Elizabeth*)** – Talvez sim. Inveja de ser nova, de acreditar que as coisas podem ser diferentes, e não essa certeza monolítica de que nada muda. Talvez seja isso, mas talvez não. Tenho raiva da impertinência dela.

**ELIZABETH (A *Sarah*)** – Não, você tem raiva da sua própria passividade.

**SARAH (A *Elizabeth*)** – Pode ser, mas mais uma vez reconhecer minha passividade na impertinência dela me dá raiva, dá licença? Eu fiquei interrompendo sua justificativa? Não fiquei. Ouvi atentamente você dizendo que aceitava essa merdinha porque tem dó dela. Agora quem vai falar sou eu: eu tenho raiva dessa piranhazinha imbecil, tenho inveja dessa piranhazinha imbecil, sou a mais passiva das mulheres, nem sei ao certo se sou mulher ou se sou uma personagem inventada pelo meu marido para servi-lo. Eu, a bonequinha de louça com que ele se masturba no cu. Essa menina me revela isto: a desgraça que sou, porque ela ainda não é. E é exatamente por isso, porque ela me dá raiva, que eu digo sim.



*Pequena pausa.*

**BARBRA (A Sarah)** – Você disse 'sim'?

**SARAH (A Barbra)** – Sim.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Você também deu pra ser surpreendente, agora?

**BARBRA (A Elizabeth)** – A única previsível aqui é você.

**SARAH (A Elizabeth)** – Não há nada de imprevisível aqui: tudo é óbvio. Alguma vez já me viram assim, radiante, quase feliz?

**BARBRA (A Sarah)** – Não. Obviamente.

**SARAH (A Barbra)** – Como poderia não dizer 'sim' pra isso? Estou pouco me fodendo pra essa merdinha. Digo sim pra mim mesma.

**BARBRA (A Sarah)** – Três sins. Alguma dúvida?

**ELIZABETH (Às outras duas)** – Nenhuma.

**SARAH (A Elizabeth)** – Então (e isto não é uma metáfora) faça as honras da casa.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Farei, obrigado. **(Às duas)** Como boa anfitriã, declaro que somos novamente quatro e somente em quatro formaremos uma. Nos completaremos naquilo que falta nas outras. Remontamos uma tradição que vem do berço, berço de ouro, graças a deus! Agora, a estagiária deixa de ser estagiária e passa a ser uma de nós. Em minha casa, minha nada humilde casa.

## CENA 6

*Elas se afastam de Gabriela, que está vestida e arrumada, mas agora se parece mais com uma delas. Dir-se-ia que envelheceu. Tempo longo e dramático. No fundo, projeta-se a mensagem:*

**MENSAGEM DE CELULAR** – Comemore, minha irmã. Cheguei onde queria. Não tenha medo: é hora de fazer o caminho de volta.

**SARAH** – Se não me engano, a novata vai falar.

**BARBRA** – Ganha um queijo quem adivinhar o quê.

**GABRIELA (A Barbra, enfraquecida)** – Qual é o seu nome?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Ó! Pra variar, surpreendente.

**SARAH (A Gabriela)** – O nome dela é Barbra. Barbra Shoey.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – A mais surpreendente de todas.

**GABRIELA (A Sarah)** – E o seu?

**BARBRA (A Gabriela)** – Sarah Freamaw.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Eu sou Elizabeth Horcley, a seu dispor.

**BARBRA (A Gabriela)** – E você, belezinha?

**SARAH (A Elizabeth, à parte)** – É hora de sabermos seu nome?

**GABRIELA (A Barbra)** – Advinha?

**ELIZABETH (A Sarah, à parte)** – Ela também estaria jogando conosco?

**BARBRA (A Gabriela)** – Alguma pista?

**SARAH (A Elizabeth, à parte)** – É possível.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Você não sabe?

**SARAH (Assustando-se, a Gabriela)** – Isso é um jogo?

**BARBRA (A Gabriela)** – Isto será um chá!

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Depende. O quê?

**GABRIELA (A Sarah)** – Isso é um jogo (**A Barbra**) e será um chá. (**A Elizabeth**) E perguntei se você sabe meu nome.

**SARAH (A Gabriela)** – E quem disse que ela quer saber seu nome?

**ELIZABETH** – Isso é uma brincadeira!

**BARBRA (A Gabriela)** – Digamos que uma de nós acerte.

**GABRIELA (A Barbra)** – Espero. (**A Sarah**) E saber meu nome pode ser muito interessante pra vocês.

**ELIZABETH (Com um leve sorriso)** – Há quantos anos não brincávamos...

**BARBRA (A Gabriela)** – O que ganharemos?

**SARAH (A Gabriela)** – Como?

**ELIZABETH** (*Sorrindo, mas ainda com moderação*) – Há quanto tempo eu não brincava...

**GABRIELA** (*A Sarah e a Barbra*) – Vocês são mulheres rancorosas.

**ELIZABETH** (*Sorrindo*) – Eu era uma menina quando deliberadamente parei de brincar.

**GABRIELA** (*A Sarah e a Barbra*) – Sinto pena por vocês.

**BARBRA** (*A Gabriela*) – Pena?

**ELIZABETH** (*Sorrindo, já com algum entusiasmo*) – Ele entrou por aquela porta fedendo a cigarro e patchoulli.

**SARAH** (*A Gabriela*) – Faça-me o favor, sua demente!

**GABRIELA** (*A Barbra e a Gabriela*) – Pena e nojo.

**ELIZABETH** (*Sorrindo, com entusiasmo*) – Eu detesto patchoulli!

**BARBRA** (*A Gabriela*) – Isso não é novidade, também nos enojamos.

**SARAH** (*A Gabriela*) – E enojamos você!

**BARBRA** (*A Gabriela*) – Mentira, eu não tenho nojo de você.

**ELIZABETH** (*Gargalhando*) – Deixa eu brincar de não sentir mais nada!

**GABRIELA** (*A Barbra*) – O que é que você sente por mim?

**SARAH (A Barbra)** – Eu sinto muito nojo de você!

**ELIZABETH (Desvairada)** – Nem cheiro, nem dor...

**GABRIELA (A Sarah)** – Não perguntei pra você. **(A Barbra)**  
Perguntei pra você.

**BARBRA (A Gabriela)** – Neste momento sinto muito desejo de saber seu nome, docinho.

**ELIZABETH** – Só a mais pura abstração!

**GABRIELA (A Barbra)** – Então arrisque.

**SARAH (A Gabriela)** – Seu nome é estrume?

**BARBRA (A Gabriela)** – Esperma?

**SARAH (A Gabriela)** – Escarro?

**BARBRA (A Gabriela)** – Bêlis?

**SARAH (A Gabriela)** – Bosta!

**GABRIELA (Num lance exasperado, a Barbra e a Sarah)** – Não tenho a mesma descendência de vocês!

**ELIZABETH (Altamente enlouquecida)** – Eu estou vestida de noiva em algum lugar de Istambul...

**SARAH (A Gabriela)** – Tristeza?

**BARBRA (A Gabriela)** – Angústia!

**SARAH (A Gabriela)** – Lágrima?

**BARBRA (A Gabriela)** – Silêncio?

**SARAH (A Gabriela)** – Saudade?

**GABRIELA (A Barbra e Sarah)** – Todos esses são meus sobrenomes.

**ELIZABETH (Quase paralisada, de tão enlouquecida)** – Tem um homem-bigodes que aperta minha mão com violência e discrição enquanto todos esperam que eu responda: sim.

**BARBRA (A Gabriela)** – Inveja!

**SARAH (A Gabriela)** – Fraqueza!

**BARBRA (A Gabriela)** – Náusea!

**SARAH (A Gabriela)** – Raiva!

**BARBRA (A Gabriela)** – Atrofia!

**SARAH (A Gabriela)** – Burrice!

**BARBRA (A Gabriela)** – Intriga!

**SARAH (A Gabriela)** – Covardia!

**BARBRA (A Gabriela)** – Mesmice!

**SARAH e BARBRA (Falando aleatoriamente à Gabriela)** – Mesquinaria, doença, gula, discórdia, arrogância, pirraça, prepotência, indigência, luxúria, demência, sujeira, besteira,

cansaço, desgraça, tragédia...

**GABRIELA (Com exaspero)** – Meu nome é vingança!

*A enorme tensão entre Gabriela, Barbra e Sarah contrasta com a leveza de Elizabeth.*

**ELIZABETH (Num devaneio)** – Mas eu respondo: não! Não à elegância carnívora! Não ao patchoulli envenenado! Não à Elizabeth que fui sem ser. Eu tiro uma casca, eu cuspo em meu nome? Quem é Elizabeth? Elizabeth agora é uma puta menina vendendo bala no sinal, sentindo saliva penetrando seu pescoço num corte aberto pelos dentes podres da piedade alheia. Grito, misto de orgasmo e pavor, correndo pelada, queimada pelo gás da guerra, cadela faminta cruzando, potranca, mulher! Quem me dera perder-me, esquecer de mim mesma, deixar de existir, virar poeira e não morrer, ser criança e entrar no espelho, conhecer as pessoas por dentro, apresentar-me assim pra elas, pelo que sou, mostrá-las minhas vísceras, dizer que sou o que não se enxerga, que não vivo na casca ou que na casca não vivo. Uivar feito loba no cio, chorar: quem me dera eu tivesse sido mãe e a maternidade perpetuasse meus defeitos mais sinceros, guardasse em meu filho/cria os medos todos, lugar onde se molda o que se é por dentro. Mas não, privada de sangue, fui mulher? Ou preciso recomeçar? Destruir-me e construir-me outra? Há tempo? Há tempo? Ou perdi-me em labirintos de mim mesma? Eu multiplicada em tantas que não eram eu. Onde estive? Onde estou? Estarei? Até quando? Já estou morta, sei, mas adoro chá! É bebendo chá que permaneço, não vejo a hora de começarmos a bebê-lo, engoli-lo, degluti-lo! Mijá-lo! Mijá-lo!

*Vai ao banheiro.*

**BARBRA (A Sarah)** – Já havia presenciado algo parecido?

**GABRIELA (À parte)** – Tenho certeza, agora tenho certeza!

**SARAH (A Barbra)** – Essa maluca tomou alguma coisa?

**ELIZABETH (Do banheiro)** – Vão tomar nos cus!

**MENSAGEM DE CELULAR** – Falta pouco. Só falta o queijo.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Confesso que prefiro você assim!

**SARAH (A Barbra)** – Acha que eu devo ir até o banheiro?

**ELIZABETH (Do banheiro, a Barbra)** – Eu prefiro você de quatro!

**MENSAGEM DE CELULAR** – Tenho certeza que está aqui. Mas onde?

**BARBRA (A Sarah)** – Quando é que você vai aprender a controlar seus instintos de repressão?

**ELIZABETH (Do banheiro, a Sarah)** – Sarah frígida, há quanto tempo você não observa sua buceta?

**SARAH (A Barbra)** – Quando é que você vai entender que você é a pessoa mais reprimida do mundo?

**ELIZABETH (Do banheiro, a Barbra)** – Barbra: minha vagina se parece com você!

**SARAH (A Barbra e a Elizabeth)** – Como eu tenho piedade de vocês!

**BARBRA (A Elizabeth)** – Não fale assim que eu me apaixono.



**ELIZABETH** (*Do banheiro, a Sarah*) – Tenha piedade de você, que nunca gozou!

**GABRIELA** (*grita, num exaspero*) – Onde está o queijo???  
*Elizabeth traz o queijo.*

**ELIZABETH**  
O queijo. Aqui está o queijo.

*Extrema tensão.*

## CENA 7

**GABRIELA (A Elizabeth)** – O que o queijo estava fazendo no banheiro?

**BARBRA (A Elizabeth)** – O que você estava fazendo no banheiro?

**SARAH (A Elizabeth)** – Agora que temos o queijo, podemos começar o chá?

**ELIZABETH** – Essa foi a melhor mijada da minha vida!

**GABRIELA (A Sarah)** – Estou ansiosa por isto.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Seja sincera, mijar sempre foi seu único prazer.

**SARAH** – Sentemo-nos todas. **(A Elizabeth)** É hora de iniciarmos o chá?

**ELIZABETH (A Sarah)** – Sim. Esta é a hora exata do chá.

**MENSAGEM DE CELULAR** – Torça por mim. Torça por nós. A hora é agora.

*Vão se sentando.*

**GABRIELA** – Não imaginam o quanto sonhei com isto.

**SARAH (A Gabriela)** – Guarde suas veleidades românticas em sua mente fértil, sra. Fofura.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Sirva-me o chá.

**GABRIELA (A Sarah)** – A senhora não imagina o meu grau de romantismo.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Com açúcar ou adoçante?

**SARAH (A Gabriela)** – Não me diga. Tão novinha, tão burrinha e já impetuosa?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Com o sal de sua desgraça.

**BARBRA (A Elizabeth)** – A minha desgraça é doce.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Mas não há chá. Isto é água quente!

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Faltou açúcar?

**SARAH (A Gabriela)** – Água quente? A vingança não tem imaginação?

**BARBRA (A Elizabeth)** – Não prefere o adoçante?

**GABRIELA (A Sarah)** – Como assim?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Sabe que prefiro as coisas amargas.

**SARAH (A Gabriela)** – Não tem imaginação, não come.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Não seja mal educada, ofereça à vingança os pães de milho.

**GABRIELA (A Barbra)** – Não quero pães de milho. Quero o queijo!

**SARAH (A Elizabeth)** – Achei os pães de milho um pouco duros,

são de ontem?

**BARBRA (A Gabriela)** – O queijo ainda não. Seja educada! Coma o pão.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Troque sua dentadura, querida.

*Gabriela pega o pão e o morde. Barbra ri.*

**BARBRA (A Gabriela)** – Não é lá essas coisas, não é?

**GABRIELA** – Esse pão é de plástico!

**BARBRA (A Gabriela)** – Com geleia é ótimo!

**SARAH (A Gabriela)** – Beba suco de laranja. Dizem que suco de laranja é ótimo pra esquizofrenia.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Não. Pra esquizofrenia o bom é iogurte natural. **(A Gabriela)** À esquerda, do lado da manteiga.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Qual manteiga? Esse brinquedo?

**SARAH (A Elizabeth)** – Ninguém melhor que você pra entender a esquizofrenia.

**BARBRA (A Sarah)** – Histeria.

**GABRIELA** – Que brincadeira é esta?

**BARBRA (A Sarah)** – Elizabeth é histérica.

**GABRIELA** – O croissant é enfeito!

**BARBRA (A Sarah)** – Esquizofrênica aqui é você.

**GABRIELA** – O suco de laranja é água colorida! A garrafa de café é um brinquedo de meninas. Isto está mais para uma casa de bonecas!

*Gabriela vai derrubando tudo o que manuseia.*

**ELIZABETH (A Barbra)** – Histérica aqui é você!

**GABRIELA (A Sarah)** – Tudo aqui é falso! Tudo aqui é teatro!

**ELIZABETH (A Barbra)** – Eu sou a triste.

**SARAH (A Gabriela)** – Não, vingança. É o contrário. Aqui é a única vida possível!

**BARBRA** – A triste, a histérica, a esquizofrênica e a vingança.

**GABRIELA (A Sarah)** – Mentira. Chega de mentiras.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Isto é praticamente um baralho de tarô.

**GABRIELA (Quase num devaneio)** – É hora da verdade!

**SARAH (A Gabriela)** – Mentira. Tudo mentira mesmo. Ainda não percebeu? A vingança é burra! Aqui tudo é falso, minha cara: meu nome, esta mesa, esta barra de manteiga, o suco! Tudo é mentira! A única verdade absoluta é o queijo!

*Pausa. Tensão extrema. A mesa está toda revirada. A única coisa que resta intacta, quase pairando sobre as mulheres, é o queijo.*

**GABRIELA** – Esta é a hora do queijo?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Sim.

**SARAH (A Gabriela)** – Sim.

**GABRIELA** – Quero manuseá-lo.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Ela pode manuseá-lo?

**SARAH (A Barbra)** – Não.

**ELIZABETH (A Sarah)** – Sim. A casa é minha.

**SARAH (A Elizabeth)** – Tem certeza?

**ELIZABETH (A Sarah)** – Não. É óbvio que não.

**GABRIELA (A todas)** – Não estou pedindo. Estou exigindo. Quero manusear o queijo!

## CENA 8

*Barbra arrasta o queijo até Gabriela.*

**BARBRA (A Gabriela)** – O queijo, querida. É todo seu.

*Tensão. Dir-se-ia que Gabriela goza.*

**MENSAGEM DE CELULAR** – Este será meu clímax, Scarlet O'hara dizendo que não sentirá fome novamente, a morte de Ofélia.

**GABRIELA** – O queijo... Enfim! Não imaginam minha alegria. Vocês têm razão: hoje é um dia muito importante. *(Ela começa a desfazer o penteado, a abrir a roupa, a desfazer-se.)* Mas eu não sou vocês: este é um dia muito importante pra mim. Agora, a importância pra mim e pra vocês terá peso diferente. Pra mim, porque será um dia feliz. Pra vocês, porque será triste. Como uma cólica selvagem. Tudo isso, porque agora, eu tenho o queijo. O queijo. O queijo... Este queijo fede. Nossa, fede mesmo. Fede muito!

**BARBRA (A Gabriela)** – Sabe queijo limburger?

*Barbra dá uma gargalhada.*

**GABRIELA (A Barbra)** – Chega!

*Gabriela dá um violento tapa na cara de Barbra.*

**GABRIELA (A Barbra)** – Isto: eu tiro esse sorriso largo de seu rosto velho. Chega de humor. Tudo será desespero. E dor. A mesma dor que eu sinto aqui, uma dor ignorante, como alguém que tivesse sido preso por engano. Eu quero justiça!

**SARAH (A Gabriela)** – Que porra você está falando?

**GABRIELA (A Sarah)** – Do queijo.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – E o que a menininha acha que tem nesse queijo?

**GABRIELA** – Veneno!

**SARAH (A Gabriela)** – Não seja ridícula, Vingancinha!

**GABRIELA** – Meu nome não é Vingancinha. Nem docinho, meu amor, muito menos fofura! Sou Gabriela Walkmutter, filha de Debra Walkmutter.



## CENA 9

*Debra Walkmutt sai do banheiro. Terceira dança.*

### **DEBRA**

Sou o mistério da minha morte  
febril como tumor  
inútil como flor  
O mistério da minha morte

Sou a dor de não ter vivido  
refluxo de rancor  
ante agudo pavor  
A dor de não ter vivido

Eis o dia em que o que era escuro  
amanhece como acalanto  
eu, sob silêncio e pranto  
desço ao inferno mais frio e puro  
O mistério da minha morte  
a dor de não ter vivido

*Pausa.*

**DEBRA** – O queijo

*Já não volta ao banheiro. Permanece dançando ao fundo.*

**ELIZABETH (A Sarah)** – A insuportável Debra Walkmutt teve filha?

**GABRIELA** – Mais uma prova!

**BARBRA (A Gabriela)** – Prova de quê?

**SARAH (A Elizabeth)** – Não que eu soubesse.

**GABRIELA** – Vocês não sabiam, ninguém sabia. Mas ele teve. Duas.

**BARBRA (A Gabriela)** – Prova de quê??

**SARAH (A Gabriela)** – Não acredito!

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Sua mãe não poderia ter tido filhos.

*Barbra vai dar uma gargalhada, Gabriela faz um gesto de tapa, Barbra se contém.*

**BARBRA (A Gabriela)** – Perdão. Já entendi a gravidade do clima. Apenas achei engraçado ela falar que uma mãe não poderia ter tido filhos.

**GABRIELA (A Barbra)** – A minha teve. Duas. Duas lindas meninas gêmeas.

**SARAH (A Gabriela)** – Sua mãe era dissimulada e triste.

**GABRIELA** – Em casa, minha mãe era uma mulher feliz.

**BARBRA (A Gabriela)** – Em casa, todas nós somos.

**GABRIELA** – Mentira! Vocês são mulheres amarguradas, vocês trazem no rosto a máscara da desilusão. Minha mãe, não; ela era viva, tenaz. Quando engravidou de um jardineiro de sua casa, ela imediatamente inventou uma viagem a Paris. A viagem durou quase nove meses. Mas ela não foi a Paris, isolou-se num pequeno cômodo dentro do próprio terreno da mansão, que era enorme. Lá, vivendo uma vida humilde, ela teve duas filhas, Gabriela e Isabela, minha irmã. Eu nasci primeiro. Assim que pariu, deixou-

nos com meu pai e sua mulher, uma mulher honesta, e passou a prover-nos mês a mês. Com carinho e dinheiro. Mas nunca a havíamos visto. Nutria nosso amor por cartas que mandava regularmente.

**BARBRA (*A Gabriela*)** – Você nunca viu sua mãe?

**GABRIELA (*A Barbra*)** – Uma vez, uma única vez, a derradeira vez. Um dia recebi um carta que me convocava a uma imensa mansão. Lá, iria conhecer minha mãe. Finalmente. Eu fui. Parecia um filme. Entrei num quarto branco e vi, sob lençóis, uma mulher moribunda, como num filme de Bergman. Ela me olhou fundo nos olhos e não eram olhos de mãe que pela primeira vez visse a filha. Eram os olhos do fantasma do pai de Hamlet, eles também pediam vingança. Ela me entregou uma carta, a última, um manual de instruções. Logo após, surgiu em seu rosto um desespero crônico, grito mudo. Eu a vi morrer, vi no seu rosto que ela não queria. Foi uma morte estranha, ela tinha espasmos horríveis, como se estivesse envenenada. No derradeiro espasmo, ela proferiu sua última palavra, com tanta dificuldade que ainda acredito que, se ela não tivesse se esforçado tanto, talvez ainda estivesse viva. Mas ela disse claramente: queijo. Eu ouvi: queijo! Segui meticulosamente suas instruções, que incluíam casar-me com um milionário já idoso que me esperava na saída do quarto. A partir dali, minha vida mudou. Como vocês, virei escrava das perversões de meu marido, um velho caquético que se vestia de bebê para mamar em mim como um rato. Mas duas coisas alimentavam minha força, minha resistência: cuidar de minha irmã, a quem amo, e vingar minha mãe, a quem venero. Os planos traçados por ela me diziam que um dia eu receberia um convite escrito em letras vermelhas para um chá, um encontro com seu passado e a chave de meu futuro, e, que neste chá, eu encontraria a verdade. Vingança e verdade: duas primas siamesas que agora se apresentam em toda sua plenitude nesta mesa cenográfica, nesta

farsa a que se habituaram chamar de chá. Eis que, finalmente, o tal convite chegou. Acordei sob uma felicidade primaveril. Decidi abandonar todo escrúpulo e vir para vivenciar o capítulo final de alguma novela na qual eu seria detetive e assassina ao mesmo tempo. A sede de vingança me tornou mulher, envelheci em segundos. E, para desespero das senhoras - e eu posso sentir seu desespero - aqui estou. Presente. Ao participar desta loucura, certifico-me que não há limites para psicopatas como as senhoras. E aqui está a prova inexorável que tenho razão, as últimas palavras de minha mãe, minha mais concreta obsessão: o queijo!

**BARBRA (A Gabriela)** - E agora o que você vai fazer?

**GABRIELA** - Eu não, uma de vocês. Uma de vocês vai comer o queijo, pra certificar-me que está envenenado e pra pagar com a vida a morte de minha mãe. As outras serão entregues à polícia e, queira Deus, passarão os poucos dias que lhes restam atrás das grades. A grande dúvida é: quem irá comer?

**ELIZABETH (A Gabriela)** - Sugira.

**GABRIELA (A Sarah)** - Sarah Freamaw.

**SARAH (A Gabriela)** - Eu sabia que você me escolheria, mas eu me nego. Pra que você não pense que no fim ficamos amigas.

**GABRIELA (A Sarah)** - O fato de você recusar apenas aguça minha suspeita. **(A Barbra)** E agora, apesar de ser a que eu mais admiro ou a única que eu admiro, Barbra Shoey.

**BARBRA (A Gabriela)** - Eu odeio queijo.

**ELIZABETH (A Barbra)** - Ótimo, você já está intimamente hábil na prática da autorrejeição. Comece.

*Pequena pausa.*

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você me permite?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Não sei se viveria sem você.

**GABRIELA** – Essa frase é uma afirmativa de que há algo estranho nesse queijo!

**BARBRA (A Elizabeth)** – Foi a coisa mais linda que ouvi em toda a minha vida.

**GABRIELA** – Isso foi uma afirmação! Vocês mataram minha mãe!

**SARAH** – Estou muito velha pra me emocionar com sentimentalidades fúnebres.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Repete.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Você passa do limite!

**GABRIELA** – Assassinas! Vocês envenenaram minha mãe!

**SARAH (A Barbra)** – Você está chorando?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Agora é sua vez.

**SARAH (A Barbra)** – Você chorando!

**BARBRA (A Elizabeth)** – De dizer algo bonito?

**ELIZABETH (A Barbra)** – Sim.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Uma resposta?

**SARAH** – Não pensei que viveria pra presenciar isto.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Ou uma pergunta.

**BARBRA (A Gabriela)** – Dê-me o queijo.

*Extrema tensão. Come o queijo. Longa pausa. Barbra repete a dança de Debra Walkmutt.*

### **DEBRA E BARBRA**

Serrar-te-ei as pernas, meu amor  
E enfiar-te-ei na boca um bambu  
Como mastro maior de meu amor  
E em meio a êxtase profundo e dor  
Beijar-te-ei o cu

Arrancar-te-ei os olhos, queimar-te-ei a bunda  
Encher-te-ei o estômago com terra e graxa  
E ao ver-te sem olhos, sem pés, sem bunda  
Masturbar-me-ei à tua tez moribunda  
E estourar-te-ei a racha

*Barbra se detém, junto com Debra. Tempo longo. Debra sai de cena. Tempo.*

**BARBRA (A Gabriela)** – Sua cretinha imbecil, este queijo está péssimo. Vou escovar os dentes. É chegada a hora do fim do chá.

**GABRIELA** – Mas...

**SARAH (A Gabriela)** – Bonequinha, titia Sarah vai lhe contar uma historinha de lobo mau, onde a fadinha andava com a varinha de condão enfiada no cu! Sua mamãe, a vivaz e audaz e mordaz Debra Walkmutt era uma alcoólatra estúpida, daquelas que andam com

uma garrafinha de vodka escondida na bolsa pra misturar no chá. Seu marido, o magnata George Walkmutter, sofreu um acidente na grande guerra e não tinha pênis. Mijava por um tubinho amarelado extremamente mal cheiroso. Pois bem, além de insuportável, outra qualidade de sua mãe era ser ninfomaníaca. E um dos defeitos de seu pai era ser rico. Ele encerrou toda e qualquer possibilidade de sua mãe ter amantes. Então, a única possibilidade de ela dar vazão à ninfomania era trepar com ele. E ele a penetrava com o tubinho amarelo mal cheiroso. Anos e anos de perversão e o resultado não poderia ser outro: infecção vaginal. Uma infecção estranha, que provocava o surgimento de algo estranho, um bolor branco, uma bactéria, um fungo. Como não tinha mais nada a fazer, sua mamãezinha começou a juntar esse bolor branco num recipiente cilíndrico largo.

**BARBRA (A Gabriela)** – E foi exatamente isto que eu acabei de engolir: infecção vaginal.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Foi a mais contundente prova de amor.

**SARAH (A Gabriela)** – E foi disso que sua mãe morreu: infecção vaginal.

**BARBRA (A si própria)** – E a mais contundente prova de falta de amor próprio.

**SARAH (A Gabriela)** – Ao saber da gravidade da infecção, sua mãe implorou-nos que preservássemos o que, a partir de então, denominamos ‘o queijo’. Disse-nos também que um dia você viria e pediu que somente neste dia revelássemos a você essa trágica história.

**GABRIELA (A Sarah)** – Mentira! Minha mãe transou com o jardineiro. Engravidou dele.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Não, menina. O seu pai é realmente o jardineiro Joey. Mas sua mãe é a enfermeira Marcy.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Como sabe o nome de meus pais?

**BARBRA (A Gabriela)** – Sabemos de tudo, fofura.

**GABRIELA (A Barbra)** – Tudo o quê?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Cada uma de nós cria uma filha assim, meu amor. Por correspondência. Algumas de nós criam mais de uma. Porque é um processo que não pode falhar. Mas nenhuma é nossa filha natural. Nutrimos de dinheiro e de falso carinho de mãe. Somos hábeis nisto: forjar amor.

**BARBRA (A Elizabeth)** – Você mais do que nós.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Com certeza. **(A Gabriela)** As cartas de amor de mãe que você recebia, por exemplo, quem escrevia era eu. Sabe Cirrano de Berjerac? Sua mãe não é Debra nem Marcy. Sua mãe sou eu. É mais ou menos isso. Nós criamos filhas, mas não é como uma maternidade, é mais como a profissão de seu pai: jardinagem.

**SARAH (A Elizabeth)** – Basta de metáforas, principalmente das óbvias. Termina o relato. Já é hora.

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Pois bem, minha flor: quando uma de nós morre, uma filha surge. Esse será um ciclo constante e você é parte dessa engrenagem, querida. Foi assim conosco, mas nunca, no entanto, houve uma estratégia mais precisa do que esta, do queijo. Nunca houve uma filha mais apta do que você. Nunca ninguém aceitou tão prontamente as instruções. Gabriela



Walkmutt, você, definitivamente, é uma de nós.

*Tempo.*

**GABRIELA** - Infecção vaginal...

*Tempo.*

## CENA 10

**BARBRA (A Gabriela)** – Agora, basta saber se você aceita.

**GABRIELA (A Barbra)** – O quê?

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Ser nós.

**GABRIELA (A Barbra)** – Eu tenho escolha?

**SARAH (A Gabriela)** – Não.

**GABRIELA** – Aceito.

*Barbra dá uma gargalhada.*

**BARBRA (A Elizabeth)** – Isso merece uma comemoração.

**SARAH (A Gabriela)** – Você não irá se arrepender, docinho.

**ELIZABETH (A Barbra)** – Deixe comigo, sabe como sou ótima em comemorações.

*Elizabeth sai, levando o queijo.*

**GABRIELA (A Sarah)** – Será possível que você não me chame mais de docinho?

**BARBRA (A Elizabeth, de fora)** – Seja ótima, mesmo. Hoje é um dia importante.

**SARAH (A Gabriela)** – Você não gosta?

**ELIZABETH (A Sarah, de fora)** – Acho que não.

**GABRIELA (A Sarah)** – Sim, eu não gosto.

**BARBRA (A Gabriela)** – Então ótimo. A partir de hoje você será conhecida como docinho.

**GABRIELA (Recompondo-se, a Barbra)** – Obrigado. Eu acho que devo desculpas. Há poucos instantes, eu era outra pessoa. Mas aquela pessoa morreu ante o queijo. A infecção vaginal será o cadáver de minha mãe e o meu. Eis aqui uma nova mulher. A você, Sarah, me desculpo pela arrogância. A você, Barbra, pelo tapa. E a você, Elizabeth, pela volúpia.

**BARBRA (A Gabriela)** – Não, docinho, não se desculpe nunca. Fica com suas mágoas, alimenta suas dores, como um mendigo que vive do horror que causam suas feridas expostas. Aqui, você será assim.

**SARAH (A Gabriela)** – Ela tem razão, docinho, docinhozinho. Não seja estúpida. Arrepende-se do quê? Não há nada pior do que existir. Todo o resto é lucro. E tudo é resto. Entendeu?

*Tempo.*

**GABRIELA (A Sarah)** – Você é uma escrota.

*Tempo.*

**SARAH (A Gabriela)** – E você, uma imbecil.

*Tempo.*

**GABRIELA (A Barbra)** – Ridícula!

**BARBRA (A Sarah)** – Velha deprimida!

**SARAH (A *Barbra*)** – Velha depravada!

**BARBRA (A *Gabriela*)** – Prefiro ser depravada do que ser inútil, como essa aqui.

**GABRIELA (A *Barbra*)** – Sou inútil e você, calhorda!

**BARBRA (A *Sarah*)** – Ela disse calhorda?

**SARAH (A *Gabriela*)** – Ela está surda!

**GABRIELA (A *Barbra*)** – Sim, eu disse: calhorda!

**BARBRA (A *Gabriela*)** – É que calhorda eu nunca tinha ouvido.

**SARAH (A *Gabriela*)** – Esse seu jeitinho torpe me dá raiva.

**BARBRA (*Refletindo*)** – Calhorda...

**GABRIELA (A *Sarah*)** – Essa sua cara estúpida me dá nojo.

**BARBRA (A *Gabriela*)** – Calhorda é a puta que a pariu!

**SARAH (A *Gabriela*)** – Não tenha nojo daquilo que você será.

**GABRIELA (A *Barbra*)** – Calhorda é a puta que me pariu.

**SARAH (A *Barbra*)** – Calhorda era seu quinto marido.

**GABRIELA (A *Sarah*)** – E como você eu nunca serei.

**BARBRA** – Um calhorda!

**SARAH (A *Gabriela*)** – A gente tende àquilo que odeia.

**BARBRA** – Calhorda e vil.

**GABRIELA (A Sarah)** – Não seja vaidosa, titia.

**BARBRA** – Calhorda e torpe!

**GABRIELA (A Sarah)** – Eu nem te odeio tanto assim.

**SARAH (A Gabriela)** – Não me chame de titia!

**BARBRA (A Sarah)** – Não se exalte assim com docinho, titia...

**GABRIELA (A Sarah)** – Não se exalte assim comigo, titia...

**SARAH (A Barbra)** – Me exaltar?

**BARBRA (A Sarah)** – Isto um sorriso?

**GABRIELA (A Barbra)** – Mas titia será capaz de sorrir?

**SARAH (A Barbra)** – Nem de me exaltar, **(A Gabriela)** nem de sorrir.

**BARBRA (A Gabriela)** – E a senhorita não fique me tratando assim...

**SARAH (A Barbra)** – Eu estava falando com você.

**GABRIELA (A Barbra)** – Assim, como?

**SARAH (A Gabriela)** – E com você também!

**BARBRA (A Gabriela)** – Como se fôssemos cúmplices.

**SARAH** – Adoro quando sou ignorada!

**GABRIELA (A Barbra)** – Não seria cúmplice de uma escrota como você.

**BARBRA (A Sarah)** – Então, não lhe ignorarei.

**GABRIELA (A Barbra)** – Eu estava falando com você.

**SARAH (A Barbra)** – Também não preciso de sua cumplicidade.

**BARBRA (A Gabriela)** – Vá falar com a puta que te pariu!

**SARAH (A Barbra)** – A enfermeira Marcy?

**GABRIELA (A Sarah)** – Não coloque o nome de minha mãe em sua boca imunda.

**SARAH (A Gabriela)** – A mais escrota entre nós é Marcy!

**BARBRA (A Sarah)** – Não!

**GABRIELA (A Sarah)** – Não!

**BARBRA (A Sarah)** – A mais escrota é você!

**GABRIELA (A Sarah)** – Minha mãe não é uma de nós!

**SARAH (A Gabriela)** – Sua mãe é um cadáver em decomposição em forma de um queijo!

*Barbra dá uma gargalhada.*

**GABRIELA (A Sarah)** – Cadáver é você! Só que se esqueceu de

morrer.

**BARBRA (A Gabriela)** – Então a mate.

**SARAH (A Barbra)** – Então me mate!

**GABRIELA (A Sarah)** – Não sujaria minhas mãos com um lixo como você.

**BARBRA (A Gabriela)** – Covardezinha babaca!

**SARAH (A Gabriela)** – Eu sujaria! Arrancando seus olhos, meu amor!

**BARBRA (A Sarah)** – Não minta, imbecil!

**GABRIELA (A Sarah)** – Você não teria forças, titia!

**SARAH (A Barbra)** – Não estou mentindo.

**BARBRA (A Sarah)** – Você não seria capaz de matar uma mosca.

**SARAH (A Barbra)** – Estou desejando.

**GABRIELA (A Sarah)** – Mas uma mosca mataria você!

**SARAH (A Barbra)** – Eu queria serrar as pernas dessa merdinha!

**BARBRA (A Sarah)** – Enfiar um bambu na sua boca!

**SARAH (A Gabriela)** – Eu queria queimar sua bunda!

**BARBRA (A Sarah)** – Encha o estômago dela com terra e graxa!

**SARAH (A Barbra)** – Vamos estourar a racha dessa piranhazinha?

**BARBRA (A Sarah)** – Só se for agora.

**GABRIELA** – Eu...

**BARBRA (A Gabriela)** – Cala a boca!

**SARAH (A Gabriela)** – Começará agora nosso chá. Tudo aqui é de plástico, porque nosso lanche será feito de sangue e bÍlis.

**BARBRA (A Gabriela)** – E carne. Carne fresca.

**SARAH (A Barbra)** – O primeiro pedaço será meu.

**BARBRA (A Gabriela)** – Não tenha medo, amor. A dor será intensa, mas rápida.

**SARAH (A Gabriela)** – Não pense assim, a dor será rápida, mas intensa! Tenha medo!

**GABRIELA** – Medo, eu? Nenhum. Ou, se tenho, tenho pelas senhoras, não das senhoras. Aliás, por favor, recomponham-se. Parecem dois urubus carniceiros. Que coisa feia. É hora de nosso chá. Mulheres da posição social das senhoras, da idade da senhoras, agindo como crianças. Isso sim, me dá nojo. E pena. Sabe aquela história da menina do semáforo? Não têm vergonha? Eu tenho. Muita!



## CENA 11

*Elas se sentam. Tempo. Entra Elizabeth com uma panela. Tensão extrema.*

**BARBRA (olhando a panela)** – Meu deus, é aquilo que estou imaginando?

**SARAH** – Não acredito! Hoje é realmente um dia importante.

**GABRIELA (A Elizabeth)** – O que é isso?

*Elizabeth pousa a panela sobre a mesa.*

**ELIZABETH (A Gabriela)** – Isso será sua derradeira ação para tornar-se nós e poder desfrutar de nossa convivência em plenitude de direitos. Você é perfeita, mas porque foi muito bem educada. Eis a importância cabal da educação: condicionar. Moldar. Isso me deixa feliz. Gabriela Walkmutter, hoje é realmente um dia muito importante. Mais pra você. E este será seu ritual de passagem mais doce. Mas não tanto. Prove, com resignação e amor, nosso tesouro mais precioso, o indefectível...

*Abre a panela. Sentem um terrível mal cheiro.*

**ELIZABETH (A Gabriela)** – ... fondue.  
*Tempo.*

**GABRIELA (A Elizabeth)** – Fondue???

*Congelam.*

**MENSAGEM DE CELULAR** – Fique tranquila, minha irmã. Houve um mal-entendido, um equívoco, um cálculo errado. Mas a vida

segue e eu diria que melhor. Acalme seu coração. Sabe qual nosso maior desafio? Conviver com a simplicidade. Porque tudo é simples, minha irmã. Um beijo grande. Gabriela.

*Tempo. A luz se abaixa lentamente.*

## DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edwards e as Mortes
- Delfrios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: [www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com)  
(Julliano com 2 L's)